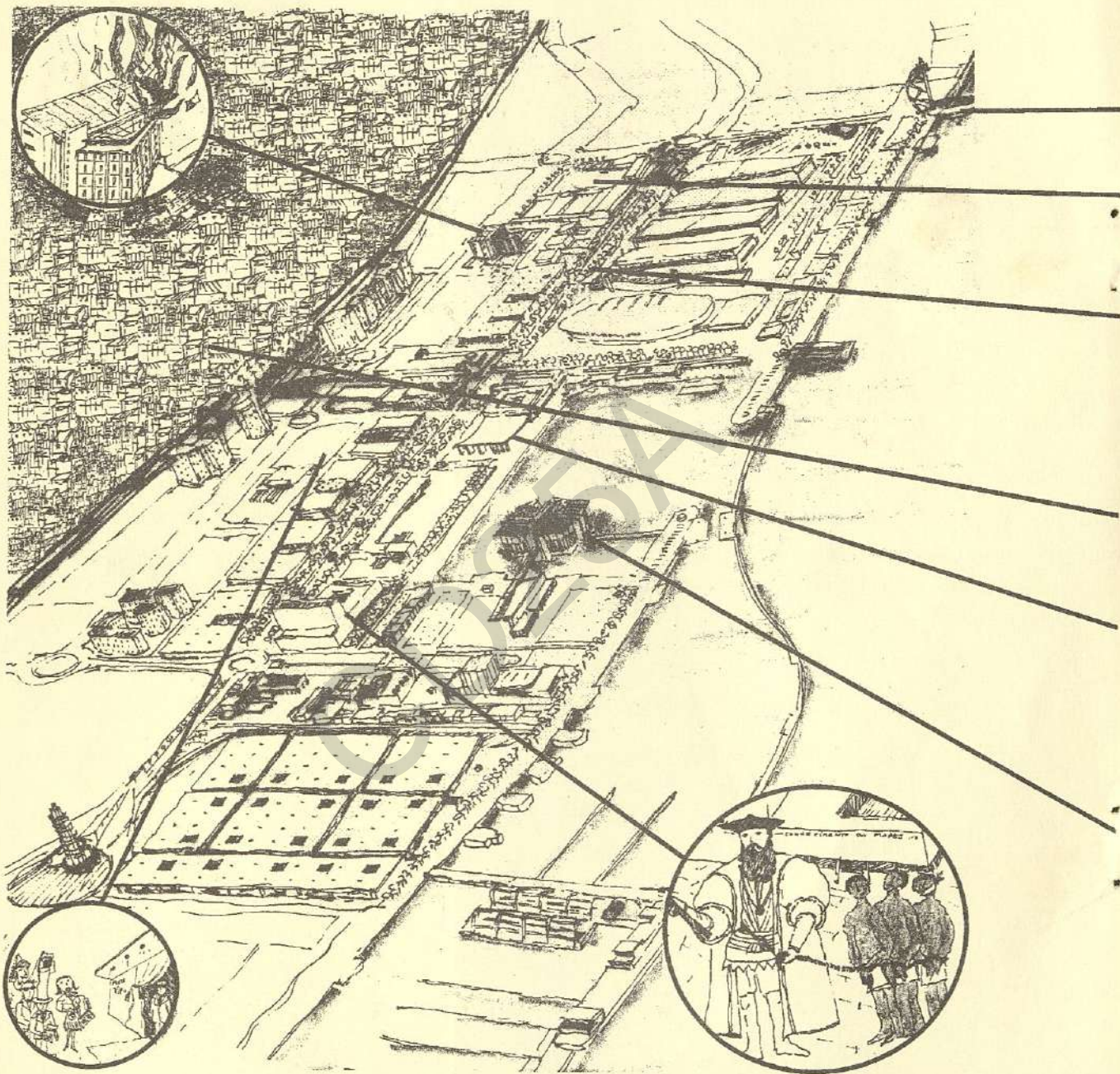


# GUIA DE VISITA À EXPO 98



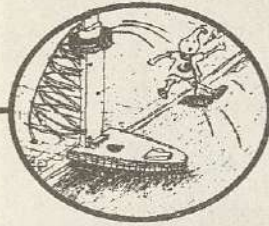
D210437



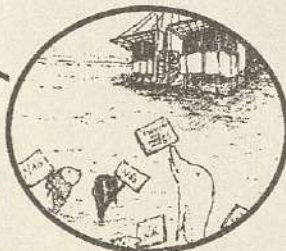
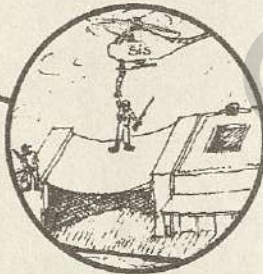




Ilustrações de Débora Figueiredo  
Gravura de capa: Pedro Machado



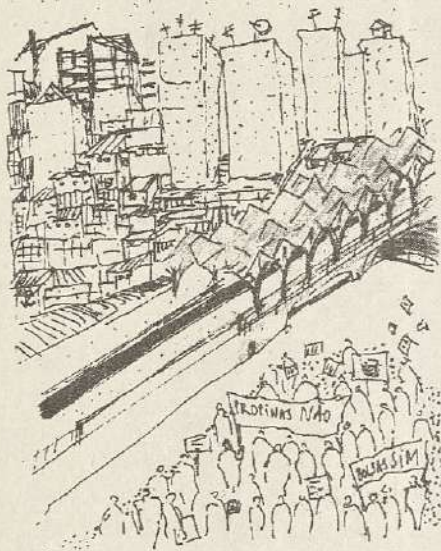
# BEM-VINDOS



# À FEIRA POPULAR!







João Carlos

# DESCUBRA AS DIFERENÇAS

São várias as diferenças entre as ditaduras e as democracias, entre os regimes que permitem a crítica e a contestação às escolhas que em cada momento os governos fazem, e os que não o permitem, reprimindo e negando o direito de expressar o desacordo com as linhas oficiais. Nuns existem polícias políticas, vigilâncias dos cidadãos, presas de consciência, censura na produção de informação e nas actividades públicas. Nos outros as ideias podem circular livremente, a liberdade de criação está assegurada mesmo quando não coincide com a visão oficial dos ministérios que regulamentam a cultura, a contestação é assumida normalmente, e visível porque resulta naturalmente de processos de discussão pública onde as razões de estado não imperam sobre a consciência dos indivíduos.

Parece simples e, diriam alguns, democracias e ditaduras são tão diferentes como a noite cerrada do dia luminoso, Guterres e Jorge Coelho estariam nos antipodas de personagens sinistros da história como Ceaucescu, Mobutu ou Suharto. O problema pode surgir quando ao nível do discurso e das práticas políticas, afinal, reconhecemos mais coincidências daquelas que poderíamos prever, quando os campos da democracia instituída e da ditadura repressiva se sobrepõem excluindo a possibilidade de crítica e contestação, colocando nas margens do sistema todas e todas as que num dado momento não se revêem nas atitudes maioritárias.

Tudo isto para falar da Expo 98 e da paranóia incutida pela esmagadora maioria da classe política a um país que quer acreditar que tem razões para festejar. Não que não existissem outros exemplos de casos actuais em que a democracia portuguesa deixa de ser "democrática", eles existem e pesam constantemente nas nossas vidas, mas por este ser pretexto para tantas violações às liberdades.

Reagindo ao pré-aviso de greve dos pilotos da TAP para os dias de abertura oficial da exposição mundial, o primeiro-ministro imediatamente fez apelos lancinantes ao

**INICIE A VIAGEM DE  
COMBOIO, ATÉ À GARE DO  
ORIENTE, ALVO CONSENSUAL  
DA VAGA DE CONTESTAÇÕES  
QUE AMEAÇAVAM  
CONVERGIR PARA A EXPO E  
A QUE O GOVERNO  
(DEMOCRÁTICO E PARA  
ALGUNS ATÉ SOCIALISTA)  
RESPONDEU COM A LÓGICA  
DAS DITADURAS  
RECAUCHUTADAS.**



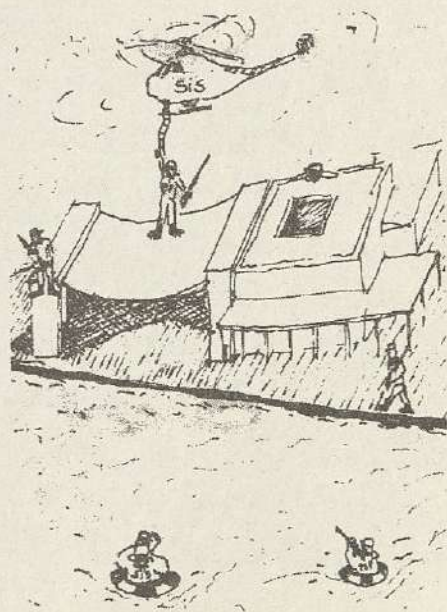
"patriotismo" destes profissionais, enquanto o ministro da tutela se manteve imperturbável aos protestos. Resolvida a questão dos pilotos, com mais ou menos contrapartidas e prémios a acrescentar aos salários, os deficientes das forças armadas ameaçaram através da sua Associação montar estaminé às portas da Expo para vender as suas próteses e medalhas de guerra. Imediatamente a seguir, os estudantes universitários cansados de um ministro da Educação surdo às suas razões e que tem do diálogo institucional a ideia de monólogos onde só se ouve a sua voz, avisaram: estaremos às portas da Expo para sensibilizarmos os seus visitantes que este país despreza o ensino e o estado quer fazer dinheiro à custa das oportunidades de futuro.

A esta vaga de contestações que ameaçavam convergir para a Expo e ensombrar o brilho dos festejos oficiais o governo (democrático e para alguns até socialista) respondeu com a lógica das ditaduras recauchutadas. Direito à contestação sim, mas nunca à entrada ou nas zonas dos acessos da Expo. O ministério da Administração Interna e o Governo Civil de Lisboa tiveram até a bondade de criar um grupo de trabalho para prever um recinto especial para todas as contestações, não muito longe da Expo, mas suficientemente escondido para as tornar inócuas. Lá para os Olivais (será o Vale do Silêncio?) ou talvez Moscavide (bem por detrás do Muro da Vergonha). Normalizadas, previstas e regulamentadas as manifestações seriam muito mais bonitas na opinião destes democratas. Talvez até dispensassem as cargas policiais, tão desagradáveis quando os jornalistas falam delas. Estaria assim assegurado o direito constitucional de manifestação, tão próprio das democracias, e simultaneamente garantida a imagem perfeita do país aos olhos dos visitantes da Expo, tão ao jeito das ditaduras.

Na mesma lógica de raciocínio ninguém ficou verdadeiramente surpreendido quando se soube que o SIS, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e a Polícia Judiciária estariam autorizadas a ter acesso à base de dados dos trabalhadores da Expo desde Julho de 1997. É que apesar de existirem leis que prevêem que esta vigilância só é possível quando existem indícios de actividade criminosa, ao estado cabe garantir a segurança e boa ordem da realização da exposição. Assim a violação clara das leis da república foi justificada em nome da "prevenção" e da capacidade de actuação das polícias.

Quantos regimes ditatoriais não terão utilizado os mesmos argumentos para a repressão e para, pela força, perpetuarem uma ordem vigente?

**COMECE A SUA VISITA PELO  
PAVILHÃO DE PORTUGAL, O  
MELHOR LOCAL PARA  
LEMBRAR QUE O SIS, O  
SERVIÇO DE ESTRANGEIROS  
E FRONTEIRAS E A POLÍCIA  
JUDICIÁRIA ESTÃO  
AUTORIZADOS A TER  
ACESSO À BASE DE DADOS  
DOS TRABALHADORES/AS  
DA EXPO DESDE JULHO DE  
1997**







Sérgio Vitorino

# UM TRABALHO CLANDESTINO

Há quem entre na Expo pela porta VIP, há quem entre pela de serviço. O trabalho clandestino está presente na Expo. Cada pavilhão, torre, caravela, boneco insuflável ou aquário, deve a sua existência, em grande parte à mão-de-obra barata que representam os imigrantes, maioritariamente africanos, convenientemente mantidos ilegais, para que trabalhem sem direitos. A origem disto está na exploração, já de longa data, dos países do 3º Mundo. Antigamente, os europeus traficavam escravos africanos, e punham-nos ao serviço dos seus "gloriosos impérios". Hoje, a gente de África e outros continentes vê-se obrigada a fugir à miséria dos seus países de origem - de que os países ricos são os principais beneficiários - e a trabalhar de sol a sol em troca de salários miseráveis, neste caso para construir uma exposição que comemorará as "glórias do passado".

As leis de imigração portuguesas - e europeias em geral - estão feitas para favorecer a clandestinidade dos imigrantes que já cá estão, ao mesmo tempo que fecha as portas aos restantes, a não ser quando prepara grandes obras de fachada como a Expo, para as quais precisa de operários «bem-comportados». Ou seja, pessoas que não existem à face da lei, que não podem sindicalizar-se ou ter qualquer tipo de actividade política em Portugal, nem mesmo em defesa dos próprios direitos, gente que não pode pôr os filhos na escola nem aceder a cuidados de saúde. Trabalhadores pelos quais não se tem que pagar à segurança social e que não se pode dar ao luxo de protestar. Gente que pode morrer, como aconteceu na Expo, em acidentes de trabalho devidos às más condições de segurança (pressas...), sem que isso traga nenhuma complicação especiais.

**SE PASSAR PELA PORTA DE SERVIÇO, PODERÁ VER A QUEM DEVE A EXPO A SUA EXISTÊNCIA: À MÃO-DE-OBRA BARATA QUE REPRESENTAM OS IMIGRANTES CLANDESTINOS, MANTIDOS ILEGAIS, PARA QUE TRABALHEM SEM DIREITOS**



# UM LUGAR NA HISTÓRIA

Sem eles a Expo não funciona. São pessoas anónimas que carregam nas ombros a "importância da projecção internacional de Portugal". Às pessoas contratadas para fazerem funcionar a expo, oferece-se um "digno lugar na história". Mas não um lugar no presente. Base da hierarquia piramidal que caracteriza uma administração que dita regras unilateralmente, est★s trabalhador★s sofrem na pele situações que nunca virão à pública (ainda para mais neste país quando o debate em torno da Expo se resume ao farnel). Tudo começa no período de formação dest★s contratad@s. Numa autêntica lavagem cerebral, é-lhes inculcido um balofo e passadista sentimento patriótico, para que mais tarde não questionem e ponham em causa as próprias condições do seu trabalho. Mas o deslumbamento é só inicial. Cedo se põe de parte o efeito anestésico da formação.

Pouco a pouco, vai-se gerando entre as centenas de assistentes "que compõem a cara da Expo", um sentimento de descontentamento e revolta, fomentado pela postura da "cúpula" da administração, pautado pela prepotência e pela arrogância. (Magros) salários do mês anterior que continuam por receber, fardas e sapatos que provocam cortes e idas à unidade médica, por quem passa mais de 6 horas de pé e ao sol, horas extraordinárias feitas por regra, que nunca serão pagas, por "política da casa", centenas de assistentes reunidos em salas exíguas, sem máquina de café ou água quente. Breves atrasos são contabilizados como faltas - dias não renumerados - ainda que a falta seja justificada, as condições de transporte são miseráveis e a cantina tem filas intermináveis e preços impraticáveis... A lista de queixas podia continuar por mais algumas páginas.

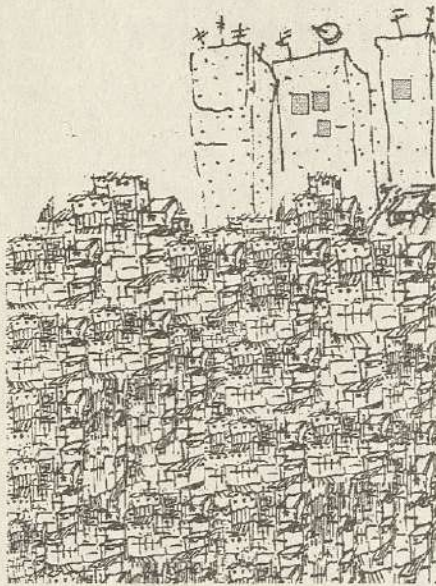
A administração da Expo foi já várias vezes confrontada com reivindicações laborais, mas a resposta foi sempre a mesma: ou abandona o local de reunião ou contorna o problema com eufemismos e metáforas ou, se há protesto, ameaça de expulsão os porta-vozes. Aquel★s que mais se sobressaíram nestes momentos são ameaçados de demissão se repetirem a audácia. Assim, as desistências aumentam de dia para dia. Entre os resistentes a revolta cresce, como comprovam os abaixo-assinados e ameaças de greve. Lindo futuro que a Expo nos apregoa, quando é este o presente que tem para oferecer a quem nela trabalha.

**Na Expo, palco de exposição dos regimes políticos de cada país, convivem em harmonia as mais sangrentas ditaduras com os mais "respeitáveis" regimes democráticos neo-liberais. Vale a pena lembrar, a título de exemplo, alguns factos sobre alguns deles, para além do que aí nos é dado a ver:**

**O PERÚ:** mil milhões de dólares de débito orçamental anual e uma enorme dívida externa por pagar aos países ricos. \* 7 milhões de índios analfabetos \* 3,3 milhões de habitantes na capital, 2,5 dos quais não possuem casa para viver \* 2 mil milhões de dólares gastos anualmente em despesas militares \* 60% da população vive abaixo do limiar da pobreza \* um único médico para cada mil habitantes \* o presidente Fujimori impôs a censura na imprensa e usa a perseguição aos opositores e a fraude como forma de se manter no poder \* milhares de presos políticos em condições desumanas.

**Os ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA:** o que resta das culturas indígenas continua ser desrespeitado \* um 5º da população vive abaixo do limiar da po-





Vitor Valente

# A MISÉRIA DEBAIXO DO TAPETE

**SE NÃO HOVER NEVOEIRO  
E O BRILHO DA EXPOSIÇÃO  
NÃO ESTIVER FORTE  
DEMAIS, DIRIJA-SE À ZONA  
NORTE E VERÁ CHELAS, UM  
DESSES TÍPICOS GUETOS DE  
LISBOA QUE SE CONSTROEM  
DESENFREADAMENTE PARA  
ESCONDER A POBREZA,  
SEMPRE INCÓMODA EM  
ALTURA DE FESTA**

Expo à vista, havia uma necessidade urgente de esconder as misérias dos grandes centros urbanos do país, o que não equivalia a resolvê-las. O Plano Especial de Realojamento foi e é o instrumento criado para eliminar os milhares de barracas do Grande Porto e, especialmente, da Grande Lisboa, espaço contíguo à Expo. Assim, partiram as autarquias para a construção desenfreada de novos guetos na periferia das grandes cidades, prédios construídos em altura, à semelhança de Chelas ou de guetos como os «hachelem» franceses, que hoje começam a ser demolidos por se ter chegado à conclusão de que só agravaram os problemas sociais que já antes existiam.

Para a maioria das autarquias, realojar é dar às pessoas uma casa nova e nada mais. Pouco importa se a população tem meios para pagar a renda e as contas mensais, ou se fica longe do emprego e as crianças longe da escola sem transportes acessíveis. Não importa o que pensam os realojados, nem se foram colocados



no meio de blocos de betão sem nada à volta, desertos de gavetas onde dormem pessoas, sem espaço público, comércio ou equipamentos educativos, de saúde, de lazer, etc.

Menos importa se as redes de solidariedade e de vizinhança se desfazem, e, portanto, se a vontade que as autarquias expressam no sentido da integração social desta gente não passa, na verdade, de uma desintegração. Pouco importa, acima de tudo, que tudo não passe de uma farsa, pois o PER está preso a um recenseamento efectuado em 93, que já não corresponde à realidade actual.

As barracas continuarão, os guetos aumentarão e a intervenção social que se faz, na maioria dos casos, continuará a ser nula e hipócrita, porque as pessoas necessitam de trabalho condigno e condições de vida- embora estejamos a falar de populações com graves carências sociais e económicas e com uma forte estigmatização.

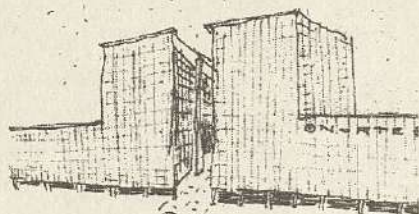
O PER representa para os municípios, acima de tudo, a suprema oportunidade da especulação imobiliária. Os empreiteiros e imobiliárias que constroem para o PER, também já constroem para quem não tem direito a PER mas cuja barraca vai também abaixo. Os terrenos dos bairros de barracas, geralmente bem situados, são valiosíssimos e chegam mesmo a pertencer aos mesmos magnatas da construção (oferecidos em troca da rápida construção de bairros sociais baratinhos- afinal são para quem vem das barracas, não precisam de ser boas casas).

Irónico é que sejam os imigrantes africanos, os que construíram a ponte nova e a Expo e tantas outras obras do regime, a maioria das pessoas que assim têm vindo a ser tratadas. É como por cá se recebem os outros povos, apesar do suposto encontro de culturas de que a Expo 98 se reivindicava.

**breza \* um estado policial extremamente repressivo em relação aos movimentos sociais ou contestações internas \* o racismo adquire contornos extremos \* a extrema-direita organizada é das mais activas do mundo (basta lembrar o Klu Klux Klan) \* a pena de morte é sentença recorrente \* política de ingerência nos assuntos internos dos outros estados, não só recorrendo a intervenções militares- através da ONU e da NATO- como política e economicamente, através do FMI e do Banco Mundial \* país com a maior dívida externa do mundo e, ao mesmo tempo, o país a que mais devem as nações pobres, que assim ficam reféns das suas imposições \* O golpe de estado no Panamá, a Guerra do Golfo (travada pelos recursos petrolíferos), o apoio a ditaduras como a do regime Indonésio ou as dos países Latino-Americanos - sempre com vista a defender os seus interesses económicos- são bons exemplos da postura norte-americana no mundo \* A venda de armamento é um dos maiores negócios do país.**

**A NIGÉRIA: um país refém do regime sangrento imposto há anos pelos militares, que assassinam sistematicamente todos os opositores \* zona de grandes recursos petrolíferos, onde investem multinacionais como a SHELL, sem escrúpulos de utilizar os seus helicópteros**





**DEPOIS DE PASSAR PELO  
PAVILHÃO DO TERRITÓRIO,  
ADQUIRA UM CONDOMÍNIO  
NA ZONA DA EXPO, CUJA  
REALIZAÇÃO SURTIU  
LIGADA A UMA  
ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA  
SEM PRECEDENTES EM  
LISBOA. DIRIJA-SE À  
MENINA DA EXPO-URBE**

## VELHOS DO RESTELO?

Pedro Santos Costa

Embalados pela saga dos descobrimentos, quiseram-nos convencer que as cidades só se transformam pela ocorrência de um acontecimento extraordinário, qual terramoto, era precisa uma exposição para dar solução à situação de desequilíbrio urbano e degradação ambiental da área Oriental de Lisboa.

A "zona ocidental", que em finais da década de 80, foi palco da celebração cavaquista, num projecto não terminado, continua hoje por reabilitar. O camartelo vai desfazendo o gesso, abençoado por Cerejeira, e João Soares faz dela pasto dos interesses dos seus amigos, ignorando a qualificação que o seu antecessor na CML intentou, achincalha projectos e os seus autores, desrespeitando a lei, o património e quem o tutela.

Convencidos do oásis e habituados aos fundos com que a Europa alimentava as obras públicas, os comemoradores dos anos 90 apregoaram o "custo zero" da operação, ou seja, sem suplementos do Orçamento do Estado, nem mais impostos, nem mais portagens, apenas pela concretização dum sonho, qual lâmpada de Aladino, conseguia-se fazer uma omelete sem ovos. Se tal assim fosse, de facto, teriam descoberto um novo caminho para a Índia, porém, a suposição de que fortes investimentos em novas infra-estruturas atrai novos capitais para a reactivação económica já foi experimentada nos faustos da Expo 92, em Sevilha, com os catastróficos resultados que todos conhecemos. Mas assim, se criaram as expectativas da solução financeira que produzia algo a partir do nada.

Esta é a chave da questão. A realização da Expo, surgiu ligada a uma operação imobiliária fundamental para a viabilidade da operação, pelo que o verdadeiro factor que pesou na escolha da sua localização não foi a necessidade de reconversão da área, mas sim,



a possibilidade de realizar essa operação, centro do seu modelo económico-financeiro. Os 50 hectares da área de exposição estão envolvidos por um loteamento de 300 hectares. Fica a dúvida se se trata da realização de uma exposição, que tem uma cidade à sua volta, ou de uma grande operação de especulação urbana, que tem uma exposição dentro. É desta operação, que podem resultar perigos ambientais, paisagísticos e sociais para a Cidade, tanto mais que os trezentos hectares do loteamento se furtaram ao poder autárquico. O Plano Director Municipal, consagrou esta amputação do território municipal cartografando-a com uma "nódoa laranja" e não a regulamentou, ou seja, para um e outro lado do caminho de ferro, a administração é diferente, e pode usar normas urbanísticas próprias.

É natural, uma vez que se procura o equilíbrio financeiro para uma operação, que os índices de construção isto é, os metros quadrados a vender, atinjam valores máximos e, com eles, volumetria e alturas elevadas. O crescimento exagerado da construção na zona ribeirinha separará, irreversivelmente, por uma barreira de betão, a cidade do rio, provocando efeitos ambientais negativos no interior e facilmente se imaginam as consequências nefastas sobre a população de Olivais - Velho, de Olivais Sul, de Moscavide ou da Portela. Por outro lado, é de reçar que a concentração de investimentos e a consequente absorção da procura seja prejudicial às acções municipais que previam vir a criar novas centralidades na zona oriental, nomeadamente, Chelas e a sua zona central, que, vendo escoarem-se os investimentos, poderá estar condenada, durante mais uma geração, a ser o vazadouro da Cidade, só lhe restando ser depósito de entulho, pneus velhos e gente, para quem os únicos empregos que a Expo cria são o de mulher-a-dias ou o de arrumador de automóveis.

A questão que se nos põe é se, efectivamente, estamos perante

ros para missões de reconhecimento que permitam ao exército massacrar melhor as aldeias do povo Ogoni, que luta contra a depredação ambiental causada pela extração do petróleo na sua terra.

**ISRAEL:** país extremamente militarizado devido à situação permanente de conflito no Médio-Oriente \* o actual governo prossegue uma política de uso da força contra o desejo de independência do povo palestiano \* a direita ultra-conservadora cresce assustadoramente \* as liberdades políticas são muito limitadas.

**A ARÁBIA SAUDITA:** a elite dominante, enriquecida pela venda de petróleo, mantém mão-de-ferro sobre a oposição e a liberdade de expressão \* às mulheres, reprimidas, não é permitida uma vida normal, sendo-lhes imposta a submissão face aos homens e a interdição de cumprirem actividades «de homens», como conduzir.

**O MÉXICO:** governado há 68 anos pela mesma oligarquia, o Partido Revolucionário Institucional \* apesar dos inúmeros massacres cometidos por este regime, as liberdades políticas continuam a ser brutalmente reprimidas e o assassinato de opositores é frequente \* os indígenas mexicanos são discriminados, explorados, expoliados e mortos, principalmente depois de terem



pegado em armas no Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), para conquistarem o direito a serem ouvidos \* o actual governo é responsável pelas dezenas de indígenas mortos no ano passado, em Acteal, por um dos grupos paramilitares ilegalmente criados pelo Estado e treinados pelo exército \* Todos os dias estes esquadrões da morte matam sindicalistas, defensores dos direitos humanos, camponeses que lutam pela reforma agrária e outros opositores políticos ao regime \* o exército continua a matar indígenas, tentando criar um conflito aberto com o EZLN.

**O CHILE:** ainda a sofrer os efeitos de uma suposta transição para a democracia, após o regime sangrento do general Pinochet, que assassinou milhares de chilenos depois de depor, com ajuda da CIA, o governo democraticamente eleito \* Pinochet continua alto dignatário do Estado (Senador vitalício), enquanto os seus assassinos continuam a ocupar postos-chave e a ameaçar com novo golpe militar se a «democracia» for «longe demais».

**O BRASIL:** um dos países mais ricos do planeta, com uma das populações mais miseráveis \* A elite dominante, boa aluna do FMI, enriquece às custas da pobreza da maioria da população \* Os camponeses que lutam pela reforma agrária são brutalmente reprimidos pelo

a transferência e modernização dum tecido produtivo, ou se este projecto, antes pelo contrário, é ele em si mesmo um factor acelerador irreversível da destruição do tecido produtivo de Lisboa, tanto mais que se verifica um acentuar irreversível da terciarização, a criação de um tipo de indústrias que não recuperam, de forma alguma, os 25 mil postos de trabalho entretanto perdidos.

A área de intervenção da Expo constituía a Plataforma Logística de Lisboa. As indústrias aí sediadas eram dependentes do uso da água - importação e exportação; contentorização; petrolíferas; areeiros; reparação naval; etc. -, a transferência e o desaparecimento de actividades marítimas tradicionais tornam o rio não produtivo, fazendo diminuir a sua importância para a cidade, assim como, afectam a própria vivência da cidade. As actividades que não acabaram estão agora dispersas de forma clandestina nos arredores da cidade, com todas as consequências nefastas que se possam imaginar.

Os contentores têm que continuar a existir, por isso foram para outro lado. A transferência, sem condições, de Beirolas para a Matinha, dos terminais fluviais que recebiam areias, congestionou a ponte de camiões. Enorme é toda a pressão criada no sentido da especulação imobiliária pelos particulares, cujo exemplo paradigmático, é aquilo que se passou com a Sociedade Nacional de Sabões, a Cordoaria Lisbonense, a Fábrica Nacional de Margarinas, a Fábrica de Loijas de Sacavém e a Vitamealo, empresas que, em vias de fechar, foram entregues pelos seus patrões à especulação imobiliária, em vez da recuperação dessas empresas e o seu desenvolvimento.

Ao irmos contra a corrente com a Expo a decorrer, corremos o risco de sermos acusados de "Velhos do Restelo", ou de agitadores profissionais, mas é precisamente esse elogio que procuramos.



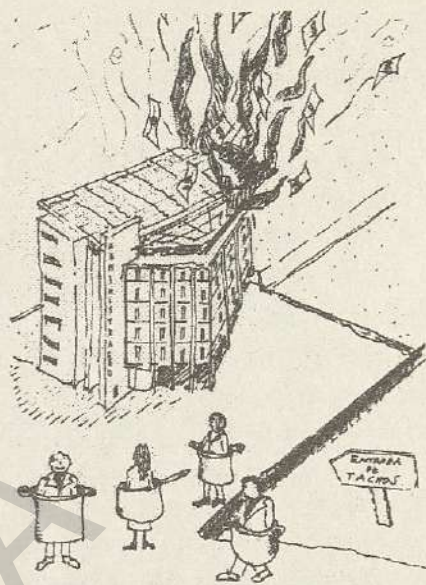
# FINANÇAS TITÂNICAS

Ricardo Keca

Ironicamente o tema da Expo 98-os Oceanos-remete-nos para o filme do naufrágio do Titanic, que tantos estragos fez no coração sensível d@s portugueses ★ s. Este Titanic em que, financeiramente, se transformou a Expo também está envolto num "obscuro nevoeiro" - curiosamente, num relatório, a própria Inspeção Geral de Finanças afirma que "não existe", (ou não é do seu conhecimento), "um documento que apresente de forma sintética e integrada, quer o orçamentado, quer o estado de desenvolvimento do projecto EXPO 98 ...", quanto ao controlo orçamental acrescenta ainda, "não existe uma rotina centralizada de análise e justificação sistemática de desvios", estes mais conhecidos como as famosas derrapagens; chegando ao ponto da Parque Expo rescindir, em Novembro 94, o contrato com o consórcio Bovis/Lusotecna/Engexpor, de consultadoria para a gestão global do empreendimento, beneficiando situações menos claras.

Assim, naturalmente, o "barco começou a meter água". Também aqui @s passageir@s de 1ª classe (comissários, administradores, empreiteiros, sub-empreiteiros e outros "chupa-dolares"), que mais gozaram durante a "viagem", foram @s primeir@s a salvar-se. Evidentemente que @s etern@s sacrificad@s, serão @s passageir@s de 3ª classe e o pessoal da casa das máquinas, neste caso, o povo português que pagará, efectivamente, cara a factura.

Para provar a irrefutabilidade deste "naufrágio" apresentamos alguns dados concretos. Previsões da Parque Expo apontam para que a maioria das receitas (cerca de 60%) provenham do programa imobiliário, fonte pouco fiável tendo em conta a instabilidade para este mercado. Os atrasos estão



**QUANDO PASSAR PELO  
EDIFÍCIO ADMINISTRATIVO,  
NÃO ESTRANHE O CHEIRO A  
ESTURRO: É QUE SEMPRE  
HÁ DINHEIRO PARA  
QUEIMAR NA EXPO,  
EMBORA "FALTE"  
PARA RESOLVER AS  
GRAVES CARÊNCIAS  
SOCIAIS DO PAÍS**



**Estado e massacrados pelos grandes latifundiários ou pela polícia\* os indígenas continuam a sofrer a mesma sorte que a Amazônia, a exploração e a matança desenfreadas\* nas grandes cidades, a polícia mata impunemente e organiza esquadrões da morte para assassinar os «meninos de rua».**

**A COLÓMBIA: o país onde o Estado mais se confunde com o narcotráfico\* jornalistas, sindicalistas e defensores dos direitos humanos são sistematicamente assassinados\* o Estado aproveita a ajuda militar dos EUA, supostamente para utilizar contra o narcotráfico, para reprimir a oposição e as guerrilhas.**

**A TURQUIA: dominada pelo exército, omnipresente guardião da sociedade civil\* as liberdades políticas são reprimidas, existe censura, prisão e assassinato de opositores\* o exército é responsável pelo genocídio que continua a ser perpetrado contra o povo curdo, mas a União Europeia fecha os olhos por que a Turquia é candidata a fazer parte do seu «clube», para além de fazer parte da NATO.**

**MARROCOS: governado por um rei despótico\* censura, prisão de opositores e repressão são práticas correntes\* mantém uma «guerra suja» contra o povo sarauí, cujo território ocupou.**

à vista e o não cumprimento de prazos-limite acarreta, logicamente, um aumento dos custos do empreendimento como são exemplo os principais "símbolos" do evento: o Oceanário orçamentado em 8,5 milhões de contos (m.c.) superou os 10 m.c.; a Gare do Oriente adjudicada por 8 m.c., passou posteriormente para 12 m.c. e em Junho de 96 o ministro do Planeamento, João Cravinho, anunciou 32,3 m.c.; o Pavilhão da Utopia (Multiusos) com primeiros orçamentos de 2,5 m.c. foi rectificado mais tarde pela Expo 98 para sensivelmente 6 m.c. e em Janeiro de 97 as previsões eram de 9 m.c.; o Pavilhão de Portugal e o Centro de Exposições apresentavam-se também com atrasos consideráveis. Durante o ano de 96 vários projectos foram abandonados como o Centro de Artes, a ligação ao aeroporto por um monorail, a Ilha do Tesouro (espaço de diversão para crianças) e outros foram alterados ou redimensionados, mais um exemplo de má gestão e planeamento.

Duzentos milhões de contos foi o número que inicialmente os responsáveis pelo projecto da exposição mundial avançaram como "despesas de investimento", que seriam, segundo o primeiro comissário geral da Expo 98, Cardoso e Cunha, absolutamente cobertos com as receitas obtidas durante e após a Expo. Para um projecto que à partida se autofinanciava, tinha "custo zero", os 360 milhões de contos anunciados por Torres Campos em 97, são no mínimo escandalosos.

Hoje devemos denunciar o afundamento deste projecto, que permitiu aos ricos encherem ainda mais os seus bolsos, amanhã vamos evitar que projectos megalómanos de pseudo-demonstração de desenvolvimento e tecnologia sejam realizados à custa de todos. É que enquanto vai havendo dinheiro para queimar na Expo, ele "falta" para resolver as graves carências sociais do país, a falta de investimento na educação, na saúde, na habitação, na segurança social, na criação de emprego e no resto do país, que viu fundos públicos destinados a outros fins desviados para a zona oriental de Lisboa.

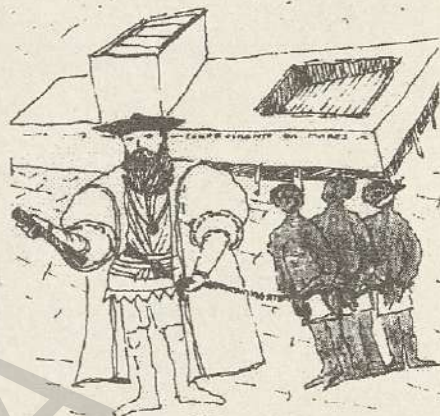


# CELEBRAR O NEO-COLONIALISMO

Ilmo Ferreira

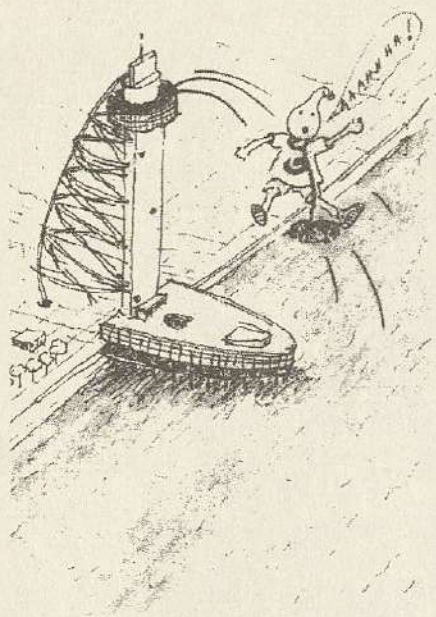
Na Expo podemos ver, em alegre convivência, pavilhões de países ricos e de países pobres, onde o povo passa fome mas sobra dinheiro para festejar. Países que exploram e países que são por eles explorados. E importa analisar o que está por trás deste sistema de opressores e oprimidos, uma realidade bem diferente do "futuro" que a expo nos quer vender. Vejamos antes em que se baseia este "presente".

Criados durante a 2ª Guerra Mundial, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI), mantêm decisiva influência na economia e finanças mundiais, vai para mais de meio século. Hoje e desde há duas décadas, pelo menos, a par de velhas instituições, surgem novas desordens. A WTO (World Trade Organization, ex-GATT), em conjunto com o FMI/ Banco Mundial, impõe políticas neo-liberais no mundo inteiro, submetendo as Nações Unidas às vontades dos grandes países industrializados, ou seja, são estas organizações mais o G-7 e as grandes corporações industriais, que decidem as trocas comerciais e as "ajudas" económicas. O FMI cumpre o papel de monitor e gestor das economias do 3º Mundo. Quem diz 3º Mundo diz fome. E o 3º Mundo são as nações africanas, asiáticas e latino-americanas, sem esquecer os países do leste europeu, países pobres, periféricos e dominados. E com a fome, estão taxas de natalidade e mortalidade elevadas, grande percentagem de analfabetos, deficiente formação profissional, condições habitacionais desumanas, serviços de saúde médi-



**NO PAVILHÃO DO  
CONHECIMENTO DOS MARES,  
ESTÁ À SUA ESPERA A  
COMEMORAÇÃO  
DOS 500 ANOS DOS  
«DESCOBRIMENTOS», DO  
COLONIALISMO E DAS  
INVASÕES, DAS CHACINAS E  
DA ESCRAVATURA**





**NÃO SE ESQUEÇA DE  
VISITAR A TORRE VASCO DA  
GAMA E CUSPIR NA CARA DE  
TODOS OS POVOS QUE OS  
«GRANDES NAVEGADORES»  
DOMINARAM E QUE NOVOS  
SENHORES CONTINUAM A  
DOMINAR.**

ocres, grandes dependências económica, comercial, financeira e cultural do exterior. Os países dominantes levam um avanço enorme em relação à indústria; são eles que abastecem 93% do mercado mundial e impõem políticas que erguem barreiras alfandegárias contra a importação de produtos industriais do 3º Mundo - impedindo os países pobres de as terem e forçando-os a importar os seus produtos -, aumentando o desemprego e as dívidas externas dos países pobres, que nunca as poderão pagar e serão sempre reféns delas. Pessoas sem trabalho e sem rendimentos, são pessoas com fome.

Em tempos que já lá vão, lugares como a América e a Austrália, a Argélia e a Argentina, o Canadá e a África do Sul, eram destino dos europeus/eias. Hoje, a emigração faz-se do 3º para o 1º Mundo, as pessoas fogem à miséria dos seus países para benefício de patrões sem escrúpulos. As tarefas mais desagradáveis são feitas pelos imigrantes em troca de salários miseráveis e nenhuns direitos, do que os trabalhadores clandestinos, que constroem a Expo-98, são um bom exemplo. Oportunamente ilegais, não podem reivindicar ou serão expulsos para o seu país.

O colonialismo, sistema de extração forçada da riqueza dos povos do 3º Mundo, foi a causa mais fundamental, através da qual os países dominados começaram a perder a sua liberdade. Foi a invasão do território, dos campos agrícolas, a aniquilação de culturas, a chacina das populações, a escravatura, a dominação económica, as trocas comerciais injustas, tudo isto e muito mais. São factos que a História não nega, mas esquece muitas vezes.

Foi pela luta que as ex-colónias conseguiram quebrar o elo da dominação, através de movimentos de libertação nacional, tornando-se nações independentes. Uma coisa é certa, o colonialismo



sobrevive com nova roupagem: a económica. As empresas multinacionais instalaram-se no 3º mundo, em busca de mão-de-obra barata e, portanto, interessadas na continuação da miséria. A dívida externa dos países é gerida e controlada por meia dúzia de mãos. Quem toma importantes decisões acerca da resolução de problemas, como a fome em muitos países do mundo, não são os próprios, cujo poder de decisão em organizações como o FMI/Banco Mundial é diminuto; são sim os países ricos, nomeadamente os da América do Norte, a Europa e o Japão, que adequam as políticas à sua sede de prosperidade económica. Os mesmos que vêm à Expo falar da proteção dos oceanos mas exportam a degradação ambiental para os países pobres.

Na Expo, já vemos a tal meia dúzia de detentores do poder, lavar as suas mãos no Tejo, para as comemorações. Comemorar os 500 anos dos Descobrimentos significa comemorar também o colonialismo e as invasões, as chacinas e escravatura, que estão na origem de boa parte das desigualdades de hoje. Os navegadores não se limitaram a "descobrir" e a voltar para trás. Comemorar invasões é brindar a biliões de vidas exploradas ao longo dos séculos e ainda hoje. Comemorar isso tudo é cuspir na cara dos "dominados", deixados ao abandono.

Nós preferimos comemorar a luta diária de tod@s aquel@s que ainda hoje continuam a ser vítimas desta lógica e que não vêm à Expo porque, antes de mais, têm que usar os seus meios, as suas forças e o seu tempo na tarefa de sobreviver, enquanto por cá as nações abastadas comemoram com fausto, com base em riqueza e recursos que lhes roubaram e continuam a roubar. A este falso encontro de culturas, opomos a solidariedade internacional contra o "status quo".

**A ESPAÑA:** ou melhor, o Estado Espanhol, manta de retalhos que são territórios que lutam pela independência, como o País Basco, a Catalunha, Aragão e a Galiza \* a repressão policial é habitual e o Estado não olha a meios para lutar contra o independentismo. Exemplo disso, as escutas ilegais ou os GAL, esquadrões da morte criados ilegalmente pelos serviços secretos para assassinar membros da organização armada basca, ETA \* Os dirigentes do Herri Batasuna, partido político independentista encontram-se presos após um julgamento político fraudulento.

**A COREIA DO SUL:** repressão constante sobre os sindicatos e os estudantes, que lutam por reformas democráticas.

**A CHINA:** liberdades políticas inexistentes, opositores presos ou executados \* o regime é responsável pela morte de sete mil estudantes pró-democracia, massacrados pelo exército na Praça de Tiananmen, em 1987 \* mantém a ocupação militar do Tibete e uma repressão feroz contra os independentistas.

**A ÍNDIA e o PAQUISTÃO:** ambos governados por regimes autocráticos e violentos \* responsáveis por uma escalada na corrida ao armamento nuclear na sua região.





**A CULTURA DA EXPO  
É UM MERO PRODUTO  
COMERCIAL E ESTÁ  
LIMITADA A SEIS MESES DE  
EUFORIA, APÓS OS QUAIS A  
OFERTA CULTURAL  
VOLTARÁ À MISÉRIA  
HABITUAL POR CÁ. MAS  
NÃO SE IMPORTE AGORA  
COM ISSO E, DEPOIS DA  
MERENDA, VÁ ASSISTIR AO  
ESPETÁCULO DO PAVILHÃO  
DA UTOPIA**

Miguel Reis

# UMA CULTURA PARA USAR E DEITAR FORA

A Expo-98 é uma causa e um efeito da esterilidade e manipulação cultural em que vivemos e da sua perpetuação. Isto porque, para além de reflectir uma produção cultural baseada na alienação e na superficialidade, consegue incentivar, legitimar e promover esse tipo de cultura, como se fosse o único, ou pelo menos como se fosse aquele que faz sentido, perfeitamente natural e "benéfico". E esta promoção é feita a três níveis indissociáveis: A cultura da Expo é festivaesca, às vezes, meramente expositiva outras vezes, mas sempre isenta de estimulantes críticos, interventivos, participativos e questionadores.

Do seu enquadramento sobressai nitidamente um misto de nacionalismo, o alienante culto das tecnologias avançadas (como corolário lógico e único do sempre vangloriado "progresso" da sociedade neo-liberal, e dos espantosos desenvolvimentos científicos que ela proporciona, esquecendo-se que isto tudo se consegue à custa de cada vez maior exploração, fome e pobreza), e, por



último, uma comemoração e auto-legitimação das regras da sociedade vigente.

E, para criar uma completa ideia de consenso, entra o terceiro nível, que é o da propaganda massiva e exaustiva, orientada para todos os grupos etários e classes sociais, numa grande teia que exerce uma espécie de atracção fatal sobre as pessoas, gerando um sentimento quase universal de que visitar a Expo é obrigatório, se não quisermos ser vistos como "autistas incultos" ou "brincos fúteis".

Mas o que é a cultura da Expo senão uma futilidade? Não merecemos mais que superficialidades exibicionistas, milho para massas alienadas e esfomeadas, ou palas gigantes para os olhos?

E, mesmo naquilo que é a finalidade oficial da Expo, a exposição universal onde muitos países podem dar a conhecer as suas culturas, tradições e vivências, num processo de intercâmbio cultural, ela é mais uma vez perfidamente ilusória. Porque o que sobressai desse intercâmbio, não é um conflito saudável e construtivo de culturas e de modos diferentes de ver o mundo e vivê-lo, mas sim uma mescla de afirmação exibicionista, num tom turístico, comercial e propagandístico; além de apresentar cada país como uma unidade perfeita do pensamento e da cultura dominante, despida de todo o carácter de intra-conflitualidade de ideias, onde a oposição e a diferença são aglutinadas, na perspectiva do consenso global e da homogeneidade.

É que a Expo é a cultura do sistema. A cultura de que, habilmente, uma minoria aproveita para manipular e envolver convictamente a maioria, não deixando espaços visíveis à alternativa, à cultura do imprevisível, em que todos somos criadores/as, da crítica, da reflexão, da participação e do inconformismo, da

**O EGIPTO e a TUNÍSIA:** ambos governados por regimes autoritários, reprimem brutalmente as liberdades políticas em nome da luta contra o fundamentalismo islâmico.

**A ARGÉLIA:** palco de uma guerra civil em que se confundem os assassinos fundamentalistas islâmicos e os assassinos do Estado \* Liberdade política inexistente.

**O IRÃO:** feroz aplicador da «lei islâmica», que oprime as mulheres, impedindo-as de trabalharem, terem responsabilidades, andarem de cara des tapada ou andarem na rua à frente dos homens \* Para além do Afeganistão é o único país onde um mulher pintar os lábios dá direito a julgamento e condenação \* Liberdade política nula, opositores executados.

**A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO:** regime autoritário e repressivo que se seguiu ao derrube do ditador Mobutu, hoje substituído pelo ditador Kabila, amigo dos EUA (é um país rico em diamantes) \* o governo impede o prosseguir das investigações sobre os massacres cometidos pelas forças de Kabila durante o golpe militar contra Mobutu \* os opositores são detidos e os partidos políticos proibidos.

**A GRÉCIA:** o regime, extremamente nacionalista e militarista, mantém disputas territoriais frequentes com a Tur-





**PARA PARECER BEM, SAIA  
E VOLTE A ENTRAR PELA  
PORTA VIP. OLHE QUE NÃO É  
PARA TODOS, TAL COMO A  
CULTURA NA EXPO, SÓ PARA  
QUEM A PODE PAGAR.  
SUPER-PRODUÇÕES PARA  
VENDER A UMA CLIENTELA  
ÁVIDA DE GRANDEZAS  
E ESPECADA PERANTE  
A SUMPTUOSIDADE  
DO EVENTO**

diferença e do diferente, aquela que rejeita com veemência o pensamento único e que se desdobra em múltiplas formas (despreocupadamente belas às vezes, intencionalmente possuidoras de cariz transformador outras vezes) de encarar o homem, a vida e o Mundo.

Com a Expo-98, a cultura, feita por «especialistas», aparece limitada no tempo, pontual, e no espaço, seguindo a lógica dos Centros culturais de Belém, naquilo que é a megalomania da concentração abrupta e efêmera. Após os seis meses da Expo, a grandiosidade, a pompa, a diversidade de oferta serão substituídas pela miséria de sempre a que já estávamos antes habituados. Pena que sejam precisas Expos para podermos ouvir concertos que, depois dela, já estarão longe dos nossos horizontes. Pena que depois da festa, a oferta cultural e o acesso à cultura voltem à vergonha que eram.

É que tudo isto não passa de um grande negócio. Nesta Feira Popular, a cultura é vista como um mega-negócio, planeado no tempo e no espaço, em que se vendem super-produções a uma clientela ávida de grandezas e especada perante a sumptuosidade do evento.

É como que o triunfar da sociedade de consumo, a aquisição de ideias feitas e de produtos culturais de usar e deitar fora, para que ninguém pense para lá de certos limites estabelecidos, num círculo vicioso de celebração e de legitimação da sociedade capitalista, pretensamente "democrática", claro.

Onde fica a cultura que abre novas esperanças, que procura a novidade, feita de criatividade e imaginação? Para quando uma cultura humanista e universal que busque a libertação dos indivíduos e que simbolize o corte da teia da opressão e da escravidão



humanas?

Onde fica a cultura da crítica, da utopia e da intervenção, da evolução e da revolução, do descontentamento e da alternativa, da mutação e da liberdade, que recusa os chicotes psicológicos das inibições da ordem estabelecida?

Quando será que a cultura e a arte se poderão confundir com o dia-a-dia, em todas as esquinas, passando pelo bairro e abraçando o Mundo?

Onde cabe a cultura que não esquece pobres, explorad@s, homossexuais, toxicod dependentes, excluíd@s, mulheres oprimidas, analfabet@s, trabalhador★s, campones★s e @s artistas desconhecid@s e tímíd@s?

Porque não uma cultura que fuja à fatalidade e ao conformismo do quotidiano carrancudo e que assente sobre o reflectir, o questionar, numa tentativa nobre de encontrar respostas e novos caminhos?

Isto não é o discurso de uma elite de intelectuais esclarecidos, mas sim uma vontade sentida de reclamar por algo concreto; por exemplo muitos pequenos centros culturais e artísticos, comunitários e assentes na livre associação de indivíduos, que, sendo aquilo que são, seres humanos, possam criar e intervir, ensinar e aprender, experimentar e descobrir, e ajudar à libertação em relação aos pensamentos únicos e ao amorfismo cinzento.

A cultura e a arte feitas por tod@s e para tod@s.

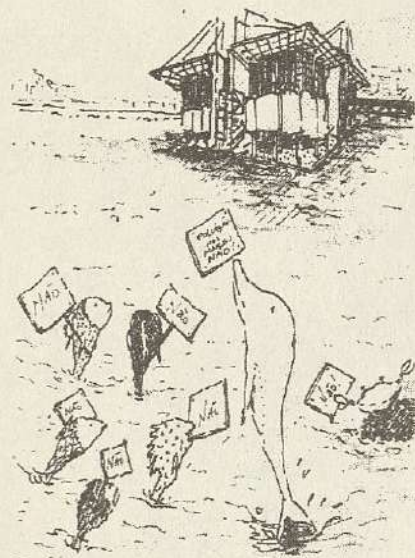
Há uma luta a travar pela plenitude humana, por um mundo em que cada um de nós possa não só absorver e aprender mas também criar e ensinar, num processo recíproco e infinito de abertura de horizontes. Hoje, ela passa necessariamente pela contestação a tudo o que representa a Expo 98.

quia e a Macedónia.

Os países da **COMUNIDADE EUROPEIA**: apostados na radicalização das políticas neo-liberais que favorecem os grandes especuladores financeiros mas arrasam com as conquistas sociais das últimas décadas: ensino livre e gratuito, sistema público de saúde, segurança social, estabilidade de emprego e direito ao trabalho \* os governos atacam constantemente os níveis salariais dos trabalhadores, enquanto o desemprego e o trabalho precário se tornam regra \* a extrema-direita e o racismo crescem assustadoramente \* os imigrantes dos países pobres - muitos deles explorados pelas nações europeias - são perseguidos e discriminados enquanto as leis de imigração institucionalizam uma «Europa Fortaleza» e o racismo de Estado \* o fosso entre ricos e pobres aumenta \* cresce de dia para dia o número de excluídos desta sociedade de consumo em que o dinheiro vale mais que os seres humanos.

Os **PAÍSES DE LESTE**: as nações do ex-bloco soviético enfrentam todas problemas similares: após a queda do muro de Berlim, a alegria pela dissolução da burocracia estalinista foi substituída pela desilusão em relação ao capitalismo, que se apresenta nas suas formas mais selvagens. As reformas capitalis-





**NÃO PERCA A VISITA AO  
OCEANÁRIO. OS PAÍSES QUE  
MAIS SE APRESENTAM NA  
EXPO COMO  
ECOLOGICAMENTE  
CONSCIENTES, SÃO OS QUE  
COMETEM OS MAIS GRAVES  
ATENTADOS AMBIENTAIS  
AOS OCEANOS.**

Grupo Ecologista do PSR

# EXPOSIÇÃO DE OCEANOS NEGROS

1998, Ano Internacional dos Oceanos e da faraônica Expo98 que lhes está dedicada, cuja hipocrisia está patente na própria ideia de "mergulhar no futuro", um futuro radioso de tecnologias que apenas proporcionam bem estar à humanidade e que são ecologicamente correctas. Como se a ideia de «progresso» que é hoje dominante - a da dinâmica destrutiva do neo-liberalismo - não devesse ser questionada.

Pela sua importância, os oceanos constituem um motivo de preocupação particular, pois são o berço de toda a vida na terra e são fundamentais para a manutenção de todo o equilíbrio ecológico. Apesar das preocupações que os países presentes na Expo pretendem demonstrar em relação a este ecossistema, a realidade é bem diferente. A delapidação sem critério dos recursos marinhos continua em larga escala, nomeadamente na sobreexploração dos "stocks" piscícolas pelos grandes navios pesqueiros, que excedem largamente os totais admissíveis de capturas. Uma situação que está a gerar graves desequilíbrios, chegando-se ao extremo de começar a haver escassez de alimento para outras espécies que não o ser humano.

A caça à baleia, proibida pela maioria dos países, continua a ter no Japão um praticante. A continuar com as chacinas, corre-se o



risco de extinguir uma das formas de vida mais importante do nosso património ecológico. Será que o lucro obtido compensará a perda? A sobrepopulação do litoral, motivada pelo êxodo rural que o sistema induz ao provocar crescimentos assimétricos entre as zonas urbanas e rurais, sobrecarrega ainda mais os oceanos. As deficiências ao nível do ordenamento do território, fazem o resto...

O problema mais grave é, no entanto, o da poluição. É assustadora a forma como as grandes empresas petrolíferas têm contribuído para esta situação: estão na memória colectiva as imagens dos grandes acidentes com petroleiros (Torrey Canyon, Exxon Valdez), que redundaram em desastres ecológicos ou a forma como as plataformas petrolíferas operam no Mar do Norte. Contudo essas mesmas petrolíferas, não são pressionadas pelos governos e têm direito inclusivamente a um dia da exposição especialmente dedicado a elas! Embora nesta exposição se estejam a celebrar os oceanos, a verdade é que os países ricos que nela são expositores, servem-se dos oceanos como lixeira de perigosos resíduos, como é o caso do lixo radioactivo e continuam a fazer o transporte marítimo de resíduos nucleares.

Na Expo- e não só- todos os governos surgem "muito preocupados" com a preservação do ambiente e dos ecossistemas aquáticos em particular. Erguem-se pavilhões onde se demonstra essa "boa vontade", criam-se novos organismos internacionais e o assunto passa a estar (não estava já?) na ordem do dia.

Mas os países que mais se apresentam na Expo como ecologicamente conscientes, são os que cometem os mais graves atentados ambientais nos mares, em nome de uma lógica impiedosa na qual o lucro está acima de tudo, dos oceanos e das pessoas. É o capitalismo que se comemora na Expo 98, não os oceanos!

tas prosseguem a um ritmo nunca visto no Ocidente e os povos voltam a saber o que significam termos como desemprego, falta de cuidados de saúde, miséria e terceiro mundismo \* A pobreza extrema em que caiu a maioria das populações leva ao rápido crescimento do racismo e da xenofobia, bem como da extrema-direita \* muitos países são governados por líderes nacionalistas que têm dado origem a novos conflitos regionais.

PORTUGAL: será preciso dizer?

**O PSR apela à solidariedade internacionalista para com alguns dos povos sem representação na Expo:**

@s Curd@s, cuja terra foi ocupada pela Síria, Irão, Iraque e Turquia, responsáveis por um genocídio sistemático da população curda, com a conivência das «democracias ocidentais», @s Tibetan@s, cujo país está ocupado desde 1959 pela China, que o considera sua província e reprime brutalmente @s resistentes e a cultura tibetan@s; @s Basc@s, Aragoneses/as, Galeg@s e Catalães, que continuam a sentir na pele a violência do imperialismo espanhol, @s Saravís, que vão jogar num referendo a sua independência face ao ocupante marroquino, @s Berberes, perseguidos pelo ocupante argelino, e muitos outros:



Não nos excita o conceito de cultura da Expo 98, que mete lado a lado músicas como Quim Barreiros e Gabriel, o Pensador e que resume a arte a algo que só podemos ver - e não mexer, experimentar e fazer-, um mero produto de consumo, um bem de mercado para quem o pode pagar, limitado a seis meses após os quais a oferta cultural voltará à pobreza franciscana de sempre.

Não nos comovem as «preocupações ambientais» dos países ricos, os que mais engalanadamente estão representados na Expo, os maiores responsáveis pela grave situação de degradação do oceanos, como não nos deslumbra o tema dos Oceanos, encobridor da comemoração dos "Descobrimentos", dos 500 anos de exploração, escravatura e dominação a que os colonialistas europeus submeteram outros povos.

Não ficamos embasbacados com o feito: grande parte dos trabalhadores que edificaram a «grande obra» são clandestinos- na sua maioria imigrantes africanos forçados a trabalhar por preço barato e sem direitos, para favorecer o orçamento desta hipócrita exposição mundial. Assim se tratam os imigrantes em Portugal, em ano de suposto encontro de culturas.

Não seguimos a corrente do consenso nacional à volta da Expo, em nome do qual se proíbem manifestações à porta do evento como se não houvessem conflitos sociais e miséria no país. A julgar pelos media e por quem nos (des)governa, tudo o que se passa no país durante estes seis meses tem a ver com a Expo, e nada mais se passa senão a Expo. Uma exposição que tanto fala do futuro e que tanto ignora o presente, onde estão representados dezenas de países, entre os quais se confundem os exploradores e os ainda hoje explorados, o 1º e o 3º Mundo, como também lá estão, lado a lado, "democracias" e ditaduras sangrentas.

Uma ponte e uma estação megalómanas, empreiteiros a meter dinheiro ao bolso, mas «não há» dinheiro para coisas tão importantes como um ensino de qualidade, gratuito e para tod@s ou para o sistema de saúde, ambos em ruptura acentuada, ou ainda para a segurança social.

**PRONT@S  
PARA  
UMA  
VISITA?**



Sede Nacional: R. da Palma, 268, 1100 Lisboa Tel 8864643 / [email.palmeiras@esoterica.pt](mailto:email.palmeiras@esoterica.pt)  
Coimbra: Apartado 1122, 3000 Coimbra / Porto: Rua do Carmo, 20, 3º esq. 4050 Porto. Tel 2081211 /  
Setúbal: Praça Almirante Reis, 10, 2900 Setúbal. Tel 532840 / Braga: Apartado 22, 4700 Braga / Faro: Apartado 825, 8000 Faro